

Luiz Beltrão

VIDA E OBRA

Paulo Rogério Tarsitano

Nascido em berço católico em 8 de agosto de 1918, Luiz Beltrão de Andrade Lima teve uma infância peculiar, suas brincadeiras diferenciavam-se em parte das de seus companheiros, ao invés de quinquilharias, colecionava santinhos, o catecismo era uma obrigação que cumpria com prazer e seu talento arquitetônico era demonstrado toda vez que construía um pequeno altar. O sonho de ser padre ofuscava-se diante do motorneiro em seu uniforme azul com botões prateados, que no velho bonde o levava para belos passeios. Não foi sem causa que em 1930, as portas do Seminário de Olinda se abriram e levaram-no para um mundo que na verdade era tão diferente daquele que imaginava em suas brincadeiras de criança. Entrava para o Seminário, mas seus pensamentos já buscavam romper as fronteiras do mundo construído em Olinda.

Desde cedo a veia poética lhe pulsava forte. O gosto pelas palavras, o prazer quase incontido em brincar com os significados eram visíveis em seus primeiros escritos.

Em clausura, a realidade não vencida os muros fortes do Seminário de Olinda. A rotina das orações e do aprendizado teológico tomavam-lhe todo tempo. Revistas, jornais e rádio não pertenciam a esse mundo.

O destino de Beltrão começou a alterar-se junto com a mudança ocorrida na Direção do Seminário. Ao ouvir de Padre Costa, o novo diretor, que "as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - e que elas vão mudando. Afinam e desafinam." (1) Beltrão sentiu fortalecido o desejo em conhecer as pessoas que habitavam o mundo além Seminário.

Não tardou a decisão de partir. Logo seu espírito ganhou as ruas. A liberdade, o contato com as pessoas, confirmavam as palavras de Padre Costa. As pessoas eram realmente diferentes umas das outras, e mudavam com muita rapidez dependendo das circunstâncias. Isso fascinava e intrigava Luiz Beltrão. Desvendar esses mistérios e conhecer melhor o comportamento humano era uma nova causa. Nessa fase de sua vida o

jornalismo brilha em seus olhos, de objetivo transforma-se em verdadeira obsessão.

O contraste entre o mundo que vivera e aquele que há pouco tempo descobrira levou Beltrão, em seu discurso de posse, na Academia Brasileira de Letras, em maio de 1970, recordar esse importante momento de sua vida:

Essa comunidade, que logo para mim tornou-se sedutoramente irresistível, não era constituída de visionários ou profetas; não erguia os olhos para o firmamento para estudar a posição dos astros, nem se interessava pelas leis da Cabala, as vísceras dos animais ou o vôo dos pássaros não se inscreviam no campo das suas observações; e também não mergulhava, como os magos e como os doutores da Igreja nas obscuras visões de Nostradamus ou de São João de Patmos. Poucos - se alguns havia-- estariam familiarizados com a História do Futuro, de Vieira, e embora se deleitassem com as mirabolantes aventuras dos personagens de Júlio Verne, era com um certo sorriso desdenhoso que consideravam a ficção científica ou a ciência futuroológica.

Não haveria maior contraste entre a comunidade jornalística e o mundo sacro-heróico de onde eu saíra. (2)

Em 1936, Luiz Beltrão ingressava no Diário de Pernambuco, lá encontrou seus primeiros grandes mestres, entre eles Aníbal Fernandes, diretor do jornal, Gomes Maranhão e Odorico Tavares, secretários do Diário de Pernambuco. Suas primeiras atribuições não foram das mais nobres. Coube-lhe ocupar o cargo de revisor. Não obstante ao cargo, dois dias depois foi "promovido", como gostava de ironizar o próprio Beltrão, designado para as funções de arquivista de clichês. Em seguida passou a tradutor de telegrama e depois disso tornou-se repórter.

Em 1940 recebeu o registro profissional como jornalista e três anos depois o título de bacharel pela Faculdade de Direito do Recife. Do Diário de Pernambuco vai para o Correio do Povo e Jornal Pequeno, atuando igualmente como correspondente de algumas agências de notícias como Asapress, Francepress, e das revistas Tudo, Guanabara Press, São Paulo Press e Capibaribe.

Sua vida profissional soma quase trinta anos de jornalismo, boa parte dela exercida na Folha da Manhã.

Seu espírito de liderança e sua capacidade profissional combinada à sua grandeza intelectual fazem-no presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco, no período compreendido entre 1951 e 1957. Também foi um dos fundadores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco e Delegado junto ao Conselho de Representantes da Federação Nacional de Jornalismo Profissional, ocupando ainda sua vice-presidência no exercício 1960/1962. Em 1969, Luiz Beltrão ocupa a presidência da UCLAP- União Cristã Latino Americana de Imprensa. A Faculdade de Filosofia do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, na capital paraibana, teve o privilégio de ter em seu quadro docente o idealismo de Luiz Beltrão. Em 1959, essa escola obtém autorização para o funcionamento do Curso de Jornalismo. Antigos companheiros de Beltrão, conhecedores de sua paixão pelo ensino, acabaram por seduzi-lo a ministrar aulas no recém criado curso de jornalismo. Com orgulho e muita satisfação, Beltrão nos conta um pouco dessa experiência em Ensino de Jornalismo no Nordeste, nos Cadernos de Jornalismo e Editoração publicados pela ECA/USP:

Por três anos, semanalmente, dirigia-me do Recife a João Pessoa, onde pernoitava, lecionando em aulas noturnas e diurnas. Tive a satisfação de ver receberem o grau de bacharéis, em 1961, os primeiros jornalistas profissionais nordestinos a portarem o título universitário. (3)

Em Recife, assume a Coordenadoria do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco onde as dificuldades da prática pedagógica eram intermináveis, passando pela precariedade das condições técnicas até a forte pressão exercida pelos jornalistas e donos de jornais, temerosos das ameaças que poderiam advir com uma geração de jornalistas universitários.

Um dos poucos instrumentos eficientes para o ensino do jornalismo, era justamente seu livro Iniciação à Filosofia do Jornalismo, editado em 1960, pela AGIR. Todas as dificuldades só faziam aumentar a dedicação de Luiz Beltrão. O carinho pelos seus alunos era outra marca profunda de seu amor pela docência. Criativo em tudo, até na metodologia, Beltrão conseguia, com a parceria de seus discípulos, excelentes resultados.

" Desta improvisação, é que, com alunos pioneiros, consegui estruturar a técnica de trabalhar, rescrevendo o jornal cabaia, através do qual conseguíamos parar o tempo em determinada data e, utilizando como pauta as

informações do jornal do dia, exercitarmos o noticiário, a reportagem, a crônica e os editoriais. Esse método-muleta, já que não tínhamos as prensas que seriam as oficinas de aplicação, permitiu-nos atravessar a fase crítica de implantação do curso do Recife que, em 1963 e 1964, começava a abastecer o mercado pernambucano de profissionais titulados e prometia transformar alguns deles, cujos nomes aqui cito com orgulho, em mestres, doutores e/ou pesquisadores da ciência da comunicação como José Marques de Melo, Tereza Lúcia Halliday, Roberto Emerson Benjamin, Francisco Torquato do Rego, Newton Diniz de Andrade, Jeovah Franklin de Queiros" (4)

Luiz Beltrão não media sacrifícios, embrenhava-se em cansativas viagens, ora para Natal, ora para João Pessoa. Algumas horas de descanso e logo estava ele a ministrar suas aulas. Ao seu roteiro de trabalho foi incluído, em 1966, a cidade de Fortaleza, com a criação do Curso de Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará.

Em meio a tantas atividades, sempre desenvolvidas com extrema seriedade e paixão, Luiz Beltrão dedicava-se à realização de um grande sonho: a criação do ICINFORM.

Em 1963, precisamente a 12 de dezembro, esse sonho era realizado.

Com o empenho de seus ex-alunos e de seus colegas professores, o Instituto de Ciências da Informação ganha sua sede no Recife. Pelo seu estatuto, o ICINFORM "é uma entidade civil, de caráter cultural, educacional e técnico-profissional, que se destina a congregar quantos se interessam pelos estudos, pesquisas e práticas na área de comunicação coletiva." (5) Entre as finalidades do Instituto, destacavam-se as seguintes: investigação científica da informação coletiva, referindo-se às áreas do Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas; treinamento e aperfeiçoamento de profissionais, difusão de estudos relacionados com as Ciências da Informação; estudos voltados para formulação de uma Teoria Geral das Ciências da Informação e intercâmbio com outras entidades da mesma natureza sediadas no exterior. (6)

O ICINFORM constituía-se de seis categorias de sócios: fundadores, efetivos, estagiários, correspondentes, honorários e beneméritos. Era, ainda, imputado ao Instituto a publicação da revista COMUNICAÇÃO & PROBLEMAS.

Seu estatuto rezava que o ICINFORM deveria insistir na conscientização da importância fundamental da Comunicação Coletiva numa sociedade de massas.

Convidado a suceder Danton Jobim, no recém fundado CIESPAL, Beltrão ganha finalmente notoriedade também no cenário nacional. Foi preciso obter reconhecimento fora do país para finalmente encontrar a devida repercussão pelo trabalho prestado à Comunicação Social no Brasil. O Curso ministrado no CIESPAL - Métodos en La Enseñaza de la Técnica del Periodismo - é transformado em livro, denotando toda sua preocupação com a formação universitária no jornalismo.

Depois de percorrer incontáveis quilômetros levando conhecimento, organizando cursos, preparando professores, disseminando seu idealismo e amor pelo ensino da comunicação pelo nordeste, Beltrão confia o INCIFORM aos seus companheiros e muda-se para Brasília em 1965. A convite do secretário de imprensa do governo Castelo Branco, José Vamberto Assunção, assume a direção da Faculdade de Comunicação de Massa da UnB, com a advertência, vinda do Regime Militar, para não falar em comunicação de massa, termo considerado de tendência altamente subversiva. Atraído pelas possibilidade de realizar um trabalho de maiores proporções, Beltrão entrega-se a suas novas funções. Sua vida cria novas raízes. Brasília passa ser um palco por onde transita com familiaridade.

Disposto a estimular a capacitação do quadro docente no ensino da comunicação, Beltrão torna-se o primeiro a conquistar o título de Doutor em Comunicação por uma universidade brasileira.

Sua tese Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de idéias, submetida a julgamento na própria UnB, foi considerada uma das mais expressivas e originais contribuições brasileiras para os estudos da comunicação. Apesar de ter recebido a menção - Distinção com Louvor - o grau de Doutor foi-lhe cassado. Envolvido numa das inúmeras crises que assolavam a Universidade de Brasília, Beltrão foi vítima de acusações improcedentes, mas que culminaram com o seu afastamento do cargo de Coordenador da Faculdade de Comunicação.

Parte dessa perseguição tem origem nos comentários elogiosos que Beltrão faz à China Comunista. Entusiasmado com o que conhecera em sua visita àquela nação, não poupa comentários positivos publicados na coletânea Itinerário da China. Não é necessário descrever o desagrado provocado em certos setores da política nacional, associado à crescente atividade de Beltrão na busca da democracia nos meios de comunicação. Passaram-se praticamente sete anos para que lhe fosse feita justiça.

Quando, em dezembro de 1984, a então Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, fazia entrega da Medalha Comemorativa ao Cinquentenário da Universidade de São Paulo ao Professor Luiz Beltrão, homenageando-o como Pioneiro do Ensino de Jornalismo no país, o

Estado Brasileiro reconhecia publicamente os méritos de um educador e jornalista que vem prestando relevantes serviços à formação universitária dos nossos comunicadores coletivos. (7), escreveu José Marques de Melo ao prefaciar o livro Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa, de autoria de seu ex-mestre.

Com a abertura democrática, o processo que transitava de um lado para outro na UnB, finalmente tem parecer final e definitivo, sendo restituído a Luiz Beltrão o título conquistado com tanto brilhantismo.

Ainda em Brasília, o Centro Universitário de Brasília e a União Pioneira de Brasília têm o privilégio de contar com o trabalho de Luiz Beltrão.

A trajetória de romancista iniciada em 1950, ainda no Recife, com Os Senhores do Mundo, tem prosseguimento em 1960, com Quilômetro Zero, As Sombras do Ciclone, em 1968 e A Serpente do Atalho, publicado em 1974. Em 1984, Beltrão publica o romance A Greve dos Desempregados, pela Cortez.

Adoentado, seus contos de Olinda e Olanda são interrompidos e a custa de sacrifício pessoal, consegue concluí-lo, tempos depois. Uma verdadeira batalha pela recuperação da saúde é travada por Beltrão. Mas em 1986, em 24 de outubro o destino põe um ponto final numa história em que Beltrão concretizou dois sonhos de infância: foi motorneiro e padre. Durante anos guiou o ensino de comunicação, ao qual dedicou-se com a abnegação de um sacerdote.

UM SÓ CAMINHO, DUAS DIREÇÕES.

A produção de Luiz Beltrão seguiu duas vertentes básicas: a Teoria do Jornalismo e a Teoria da Comunicação. Em 1960, Beltrão apresenta, em meio a inúmeras resistências oriundas de diversos segmentos sociais e políticos, a sua primeira contribuição para o um ensino sistematizado do jornalismo, lança, através da Editora Agir, sediada no Rio de Janeiro, o livro Iniciação à Filosofia do Jornalismo, chamando a atenção do meio jornalístico pela originalidade no trato do tema. Ao contrário das obras produzidas por jornalistas, Beltrão não toma o rumo do historicismo ou legalismo.

" Seu ensaio contextualiza a atividade da comunicação pública, destacando o seu ângulo noticioso e situando-o no arcabouço sociopolítico que reproduz e afeta. Trata-se de um livro que se torna clássico imediatamente e serve de ponto de partida para inúmeros estudiosos que prosseguiram a análise dos fenômenos jornalísticos brasileiros" . (8)

A qualidade de seu trabalho, combinada com a originalidade na abordagem do assunto, despertam a atenção do CIESPAL, sendo Luiz Beltrão chamado a substituir Danton Jobim na cátedra de Metodologia

de Ensino de Jornalismo. O curso lá ministrado, como vimos, foi mais tarde transformado em outra publicação, sob o formato de apostilas, chamadas de Métodos en la Enseñanza de la Técnica del Periodismo. Trata-se de uma retomada às questões discutidas em seu primeiro livro, que alcançam grande repercussão, embora de circulação restrita no país. Em suas páginas repassava aos colegas jornalistas e professores o resultado de seus experimentos metodológicos na formação de profissionais para a imprensa. Em 1964, o ICINFORM publica Técnica de Jornal, uma retrospectiva com seus pensamentos e súmulas de suas aulas na Universidade Católica de Pernambuco. Nesse momento Luiz Beltrão atinge uma nova fase, de maturidade como docente, que o leva a planejar uma trilogia didática com os livros A Imprensa Informativa, editado em São Paulo por Folco Masucci Editor, em 1969, Jornalismo Interpretativo, editado em 1976, em Porto Alegre pela Sulina e completada, em 1980, com Jornalismo Opinativo, pela mesma editora. As três obras formam um conjunto marcado pela originalidade que estimula e orienta a aprendizagem e formação dos estudantes de jornalismo e atingem igualmente professores e outros pesquisadores que vêem, no conjunto, questões que passam a ser trabalhadas com maior atenção, configurando-se como atraentes objetos de estudo e pesquisa. Já no plano da Teoria da Comunicação, Beltrão abre dois novos caminhos, dedicando-se a produzir conhecimento novo e a difusão do conhecimento sistematizado, o primeiro é representado pela Folkcomunicação, seu objeto de pesquisa na tese defendida para obtenção do título de Doutor, na Universidade de Brasília, o qual, como vimos anteriormente, tantos dissabores lhe renderam. Desse trabalho, dois novos livros foram publicados: Comunicação e Folclore, editado pela Melhoramentos em 1971, e Folkcomunicação, a Comunicação dos Marginalizados, editado pela Cortez, em 1980. No segundo caminho, o da difusão, Beltrão reúne no livro Sociedade de Massa: Comunicação & Literatura, editado pela Vozes, em 1972, vários artigos, ensaios, textos de conferências e palestras. No caminho da divulgação científica, Luiz Beltrão também planeja uma trilogia para a Teoria da Comunicação. O primeiro dos três livros é Fundamentos Científicos da Comunicação, editado pela Thesaurus, em 1973, em Brasília. Seguem-se Teoria Geral da Comunicação, em 1977, pela mesma editora e Teoria da Comunicação de Massa, editado em 1985, pela Summus Editorial completa o conjunto. Neste último livro, Luiz Beltrão consegue realizar outro grande desejo: escreve-o em conjunto com seu ex-aluno, Newton de Oliveira Quirino. Juntos avançam em direção ao complexo da Comunicação de Massa.

"Os subsídios que Beltrão e Quirino coletaram, ordenaram e trabalharam para configurar uma Teoria da Comunicação de

Massa, partem do pressuposto de que o estudo dos processos de reprodução simbólica, vigentes no jornal ou na televisão, na editoração ou na propaganda, são determinados pelos de produção material e espiritual existentes nas sociedades que se industrializam. Daí a indispensável explicação dos mecanismos que estruturam a sociedade contemporânea, interferindo na vida social e condicionando a engrenagem da comunicação de massa. Valendo-se das noções sócio-culturais que estão na base da sociedade de massa e dos elementos superestruturais que conformam o seu universo ético-político e estético-ideológico, os autores descrevem o funcionamento dos sistemas de comunicação de massa, privilegiando seus instrumentos de expressão (códigos, mensagens) e reprodução (controles, efeitos). (9)

A FOLKCOMUNICAÇÃO

Durante sua atividade jornalística, Luiz Beltrão, um bem nascido cidadão de classe média alta, tomou contato com a realidade de um mundo que ainda não compartilhara. Chegou próximo das camadas mais populares, vivenciou seu cotidiano, muitas vezes retratando-o nas páginas dos jornais. Mais tarde Beltrão viaja à China Comunista de Mao Tsé Tung e volta impressionado com a preservação do folclore naquele país e nas democracias do Leste Europeu. Talvez resida nesses fatores o fato de Beltrão localizar seu objeto de estudo na comunicação efetuada nas camadas mais populares. Seus laços de amizade com Francisco Julião, patrono das Ligas Camponesas no Nordeste e com Paulo Cavalcanti, líder comunista pernambucano, reforçam esse pensamento. Beltrão intrigava-se como o indivíduo analfabeto podia informar-se, se não ia ao cinema, se não tinha televisão. Como poderia ele intercambiar opinião?

Nas palavras do próprio Beltrão estão as explicações que ele tanto procurava:

Daí eu me lembrei dos meus companheiros gráficos, me lembrei de um que era presidente do Lenhador do Recife, clube de frevo, me lembrei da história de Lampião, de Antonio Silvino e de todos os bandoleiros de Pernambuco, eu tinha contato com os coronéis, eu vi por outro lado as multinacionais substituindo os coronéis com a

mesma voracidade com que os usineiros substituíram os senhores de engenho na indústria do açúcar. Aí eu comecei a reconsiderar tudo isso e comecei a apanhar esses dados. Eu ainda estava impressionado com a informação puramente. Aí eu chamei isso de folkcomunicação jornalística ." (grifo meu) (10)

Nas palavras de Beltrão, fica mais claro compreender a abrangência do conceito de folkcomunicação, segundo seu criador :

Folkcomunicação é, por sua natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa. (11)

Nesse momento é importante recordar um pouco da história dos estudos da comunicação. No pós-guerra, o desenvolvimento passou a ser uma das grandes preocupações da ONU e a comunicação encarada como uma de suas mais importantes ferramentas. Vista como um instrumento desenvolvimentista, a comunicação assumia um papel educacional para melhorar as condições de vida em diversos pontos do planeta. Dessa forma, a ONU, através da UNESCO implanta centros de estudos de comunicação para pesquisar e fomentar o desenvolvimento social. Coube ao Equador sediar um desses centros em sua capital. (CIESPAL). Grande número de pesquisadores puseram-se a estudar a comunicação sob a ótica desenvolvimentista e suas limitações no que tange à função educativa que lhe havia sido imposta. Limitações que esbarravam, via de regra, em fatores antropológicos. Wilbur Schramm foi um dos que abordaram a questão com grande propriedade. Ao estudar o efeito das mensagens sobre a audiência, levadas por meios de comunicação de massa, verificou que as mesmas se mostravam ineficientes quando objetivavam mudanças de comportamento. Os sucessos alcançados localizavam-se em casos especiais em que o público não tinha conhecimento sobre o tema abordado. Caso a mensagem contrariasse seus princípios, a audiência simplesmente as ignorava. Caso a mensagem despertasse interesse, o audiente aconselhava-se com outros componentes de seu grupo para, só então, tomar uma decisão sobre as questões abordadas na mensagem, demonstrando com esse comportamento valorizar muito mais os depoimentos de seus pares do

que o discurso contido nas mensagens vindas por meios de comunicação massiva.

Grande parte da audiência não era atingida pela comunicação de massa pelo fato de não serem as mensagens elaboradas a partir de pressupostos inerentes à cultura dos grupos aos quais eram destinadas, agravando-se o quadro por não se empregar uma linguagem, de todo compreensível, para os mesmos.

Dessa forma Wilbur Schramm criou um sistema de comunicação estruturado em dois estágios, considerando a mensagem que parte dos meios de massa e chega aos líderes e deles, reprocessada, chega aos demais componentes dos grupos. Esse princípio também está presente nas teorias desenvolvidas por outros pesquisadores, entre eles Lazarsfeld, Berelson e Gardet. Igualmente no sistema de Folkcomunicação elaborado por Luiz Beltrão.

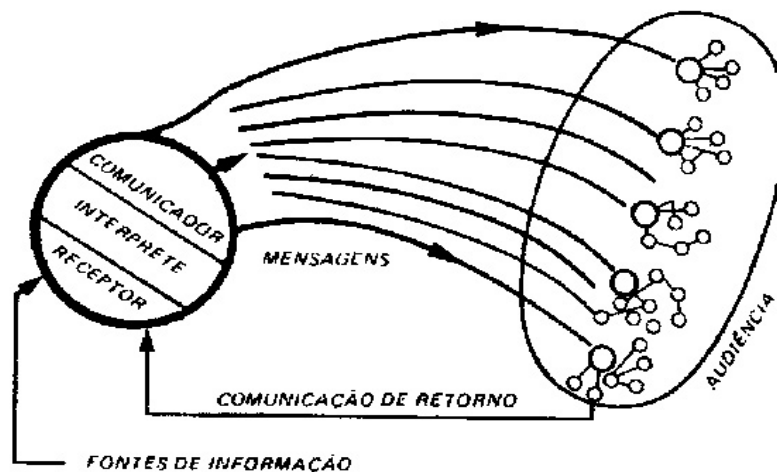


fig. 1

Para isso é oportuno uma comparação entre as figuras 1 e 2, que representam os modelos desses pesquisadores.

Os estudos realizados por Elihu Katz e Lazarsfeld sobre influência pessoal foram significativos e contribuem para melhor compreensão da folkcomunicação e de uma forma geral para o entendimento do fluxo de comunicação em dois estágios. São estes os principais pontos:

" 1. a influência de outras pessoas em decisões específicas tende a ser mais freqüente - e certamente mais efetiva - que a dos meios de comunicação de massa;

2. influenciadores e influenciados mantêm íntimas relações e, conseqüentemente, tendem a compartilhar das mesmas características de situação social: é muito raro pessoas de alta situação social influenciarem outras de baixa condição e vice-versa;

3. Indivíduos intimamente relacionados tendem a ter opiniões e atitudes comuns e relutam em abandonar, o consenso do grupo, mesmo que os argumentos dos meios de comunicação de massa lhes pareçam atraentes;
4. Há especializações na " liderança de opinião" - por exemplo: uma mulher é influente sobre compras, mas provavelmente não o será quanto a modas;
5. Embora a influência passe dos mais para os menos interessados, esses últimos devem ter suficiente interesse para serem suscetíveis: não há líderes sem partidários e o partidarismo exige interesse;
6. Os "líderes de opinião" têm mais tendência a se exporem aos meios de comunicação de massa, particularmente aos mais relevantes para suas esferas de influência."(12)

Vários foram os estudos realizados para localizar características que possibilitassem a identificação de líderes de opinião. No trabalho de Luiz Beltrão, os líderes são igualmente integrantes da audiência e acabam assumindo a posição de agente-comunicador, por terem eles condições de assimilar a linguagem e conteúdos que o grupo não consegue compreender. Esse receptor especial, consulta outras fontes de informação, ouve outras lideranças e meios para reconstruir a mensagem dentro de padrões estéticos e recursos de linguagem compreensíveis pelo restante da audiência. Para levar as mensagens emprega meios que lhe são acessíveis e familiares. Assim, grandes clássicos da literatura mundial e sucessos cinematográficos como Dr. Fausto, E o vento Levou, Divina Comédia, entre outros, chegam ao sertão nordestino através de personagens totalmente adaptados ao cotidiano desses grupos, na maioria das vezes em folhetins, produzidos artesanalmente.

Para o Professor Luiz Beltrão, esse receptor que assume o papel de comunicador apresenta as seguintes características:

"1) prestígio na comunidade, independentemente da posição social ou situação econômica, graças ao nível de conhecimentos que possui sobre determinado(s) tema(s) e à aguda percepção de seus reflexos na vida e costumes de sua

gente; 2) exposição às mensagens do sistema de comunicação social, participando da audiência dos meios de massa mas submetendo os conteúdos ao crivo de idéias, princípios e normas do seu grupo; 3) freqüente contato com fontes externas autorizadas de informação, com as quais discute ou complementa as informações recolhidas; 4) mobilidade, pondo-se em contato com diferentes grupos, com os quais intercambia conhecimentos e recolhe preciosos subsídios; e finalmente, 5) arraigadas convicções filosóficas, à base de suas crenças, à base de suas crenças e costumes tradicionais, da cultura do grupo a que pertence, às quais submete idéias e inovações antes de acatá-las e difundi-las, com vistas a alterações que considere benéficas ao procedimento existencial de sua comunidade." (13)

No sistema de folkcomunicação o líderes (agentes-comunicadores) ao contrário do sistema de comunicação social, nem sempre são autoridades reconhecidas, mas apresentam traços ainda mais fortes no que tange ao seu poder de persuasão: têm carisma, respeito, credibilidade, capacidade de aglutinação, assumindo dessa forma posição de conselheiros, mesmo sem terem consciência do papel que representam. Existem outros tipos de agentes comunicadores que têm consciência de sua liderança e desempenham grande esforço para ampliar seu poder sobre os grupos de audiência, alguns canalizam esse poder para benefícios pessoais, explorando e subjugando seus seguidores.

O reconhecimento da liderança está condicionado à capacidade do comunicador folk em encontrar a forma exata de codificar a mensagem e construir argumentos de maneira que sua audiência compreenda-a e dobre-se face a originalidade e contextualização da argumentação elaborada. Para Beltrão, o comunicador folk assume o papel de tradutor no caso de campanhas públicas que visam mudanças de comportamento.

PROCESSO DA FOLKCOMUNICAÇÃO

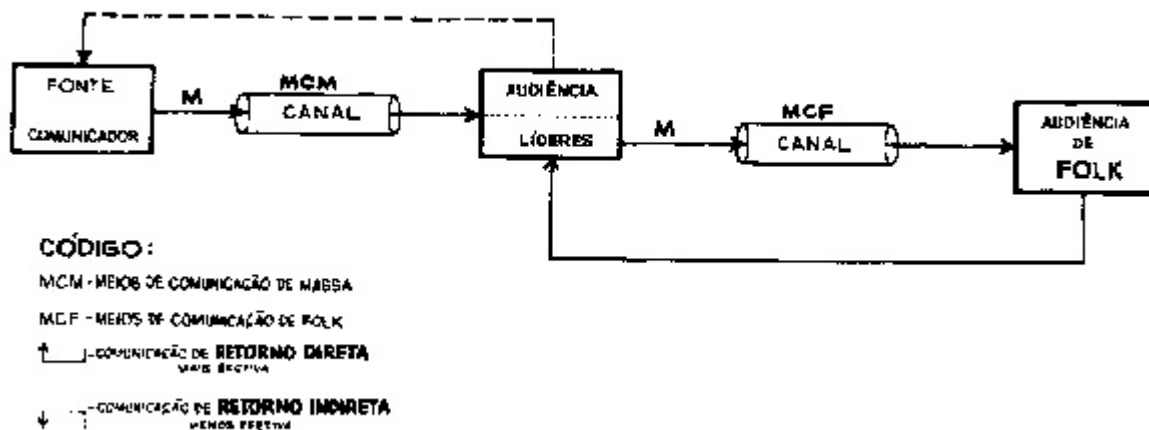


fig. 2

A folkcomunicação se faz presente com maior intensidade entre grupos que estão posicionados à margem do sistema político e de comunicação social. Para Beltrão são três esses grupos:

1. Os grupos rurais marginalizados pela isolamento geográfico em que vivem, rendimentos reduzidos e baixo nível intelectual.
2. Os grupos urbanos marginalizados, formados por pessoas de classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso.
3. Os grupos culturalmente marginalizados, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente. (14)

Beltrão parte do princípio de que os efeitos obtidos com as mensagens são proporcionais ao poder de identificação da audiência com as mesmas, quer no conteúdo, quer na forma como são elaboradas. Assim sendo, destaca que "cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe, e que cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e que melhor saiba utilizar" (15)

Para diferenciar o sistema de comunicação de massa da folkcomunicação, Beltrão enfatiza que no primeiro sistema os discursos são endereçados ao mundo, enquanto no segundo sistema, os discursos são destinados a um mundo que, embora esteja inserido num contexto maior, não mantém relações profundas com o mesmo. Um microcosmo em que o comunicador folk é a conexão com o macrocosmo.

